

A participação da América Latina no total das exportações mundiais tornou a cair, em 1971, passando dos 4,9% atingidos em 1970, para 4,4%, segundo dados do Fundo Monetário Internacional. Ao mesmo passo, no que interessa ao Brasil, a ALALC perdia importância, como mercado consumidor de suas exportações, e justamente na fase em que os seus índices de crescimento, nesse terreno, eram apresentados como excepcionais. Com o "modelo brasileiro de desenvolvimento", surgiu o refrão substitutivo do "essencialmente agrícola", isto é, como disfarce da verdadeira essência do problema: "exportar é a solução". Esse refrão foi detalhado, logo adiante, com a afirmação de que, agora, tratava-se de exportar manufaturados. Em que estava a mudança? Estava, sem dúvida, em que se tratava dos manufaturados fabricados no Brasil pelas empresas estrangeiras nele instaladas e que continuavam integradas em suas áreas de origem e não integradas na estrutura econômica nacional. De uma participação de 6,4% no valor total da exportação brasileira (FOB), em 1964, atingiria a quase 17%, em 1970; no mesmo período, o café em grão passaria de 53,1% a 34,3%, o que era também significativo.

O BID presidiu, há pouco, a pesquisa no sentido de identificar as principais empresas industriais latino-americanas com participação no comércio continental de manufaturados; Brasil, México e Argentina foram as áreas mais intensamente exploradas por tal pesquisa, que limitou sua ação a 534 empresas localizadas em 10 países que fazem parte da ALALC. Verificou que dois terços das 534 empresas eram provenientes dos ramos químico e metalúrgico; entre 361 das empresas arroladas, 126 começaram a exportar no período de 1966 a 1969; 124, entre 1960 e 1965; 83, entre 1945 e 1960; e 33 já exportavam antes de 1945. Entre as dez empresas que ocupavam mais de 10.000 trabalhadores, 4 estavam no Brasil, 3 na Argentina e 1 no México, Chile e Colômbia; entre as que empregavam entre 9.999 e 5.000 trabalhadores, 23 tiveram destaque: 10 estavam no Brasil; 6, na Argentina; 3, na Venezuela, Colômbia, Chile, México e Peru, respectivamente. Entre as principais 426 empresas pesquisadas, 25

(...) O resultado é o fortalecimento dos compradores, que ditam condições, numa atitude que, no final, estrangula as possibilidades de crescimento dos países em desenvolvimento. (...) A dotação de um sistema monetário duradouro e de normas que permitam ao comércio mundial desenvolver-se no ritmo necessário e útil para o crescimento dos países em desenvolvimento, são, entre outras, duas medidas mais imediatas". ("Alto nível", in *Tribuna da Imprensa*, Rio, 28 de março de 1972). O valor da exportação latino-americana começava a encontrar defensores, nos conclaves internacionais, que antes não tinha.